

LIANE MORIARTY

*PEQUENAS GRANDES
MENTIRAS*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

RAQUEL DUTRA LOPES

ASA

Escola Pública de Pirriwee

... onde vivemos e aprendemos à beira-mar!

A Escola Pública de Pirriwee é uma ZONA LIVRE DE AGRESSÕES!

Nós *não* agredimos.

Não *aceitamos* que nos agridam.

Nunca guardamos segredo sobre agressões.

Temos a coragem de falar se virmos os nossos amigos
serem agredidos.

Dizemos NÃO aos agressores!

capítulo um

– Aquilo não parece uma noite de festa na escola – disse Mrs. Patty Ponder a *Maria Antonieta*. – Mais parece um motim.

A gata não respondeu. Estava a dormir no sofá e, geralmente, a cultura geral não era coisa que lhe interessasse.

– Não estás interessada, há? Pois que comam bolos! É isso que estás a pensar? Comem muitos bolos, não comem? Sempre com aquelas bancas de bolinhos. Valha-me Deus. Se bem que eu acho que as mães não as deixam comê-los. São tão fininhas e magrinhas, não são? Como tu.

Maria Antonieta reagiu ao elogio com um trejeito. Aquela coisa do «que comam bolos» já estava gasta havia muito e, recentemente, tinha ouvido um dos netos de Mrs. Ponder comentar que a frase era «que comam brioches» e também que, para começar, Maria Antonieta nunca a dissera.

Mrs. Ponder pegou no comando do televisor e baixou o volume do *Dança com as Estrelas*. Tinha-o posto mais alto por causa do barulho da chuva intensa, mas entretanto a bâtega abrandara.

Ouvia gente a gritar. Berros zangados irrompiam pelo ar tranquilo e frio da noite. Custava-lhe ouvir aquilo, como se toda aquela

fúria lhe fosse dirigida. (Mrs. Ponder tinha sido criada por uma mãe colérica.)

– Valha-me Deus. Achas que estão a discutir por causa da capital da Guatemala? Sabes qual é a capital da Guatemala? Não? Eu também não. Devíamos procurar no Google. Não me faças essa cara.

Maria Antonieta fungou.

– Vamos lá ver o que se passa – disse Mrs. Ponder num tom ríspido. Estava nervosa, o que a levava a comportar-se com rispidez em frente à gata, tal como em tempos fizera com os filhos, quando o marido estava fora e se ouviam barulhos estranhos à noite.

Levantou-se com a ajuda do andarilho. *Maria Antonieta* deslizou o corpo ágil entre as pernas de Mrs. Ponder, para a reconfortar (não se deixava levar pela fachada de rispidez) enquanto a dona empurrava o andarilho pelo corredor, até às traseiras da casa.

A sala de costura dava mesmo para o pátio da Escola Pública de Pirriwee.

«Mãe, estás louca? Não podes viver tão perto de uma escola primária», dissera-lhe a filha, quando ela começara a pensar comprar a casa.

Mas ela adorava ouvir o palratório desenfreado das vozes de crianças várias vezes ao longo do dia, e já não guiava, pelo que não lhe fazia a mais pequena diferença que a rua ficasse apinhada com aqueles carros gigantes que hoje em dia todos conduziam e mais pareciam tratores, com mulheres de enormes óculos escuros a debruçarem-se sobre os volantes para comunicarem em alto e bom som informação urgentíssima sobre a aula de *ballet* da Harriette e a sessão de terapia da fala do Charlie.

Agora as mães levavam a maternidade tão a sério. Aquelas carinhas frenéticas. Aquelos rabiosques atarefados a avançarem pela escola nas suas roupas de ginástica tão justas. Os rabos-de-cavalo a oscilar de um lado para o outro. Os olhos fixos nos telemóveis, que levavam na palma da mão como se fossem bússolas. Mrs. Ponder ria-se disso. Mas com ternura. As suas três filhas, embora fossem mais velhas, eram exatamente assim. E eram todas tão bonitas.

«Bom dia, como está?», cumprimentava sempre as mães de passagem, se estivesse no alpendre da frente com uma chávena de chá ou a regar o jardim.

«Ocupada, Mrs. Ponder! Assoberbada!», era a resposta de sempre, seguindo caminho e puxando os filhos pelo braço. Eram simpáticas e afáveis e só um bocadinho condescendentes, pois não conseguiam evitá-lo. Ela era tão velha! Elas estavam tão ocupadas!

Os pais, e havia cada vez mais a tratar da rotina da escola, eram diferentes. Raramente se apressavam, caminhando com uma desenvoltura estudada. Nada de mais. Tudo sob controlo. Essa era a mensagem. Ela também lhes reservava risadas afetuosas.

Agora, todavia, parecia que os pais da Escola Pública de Pirriwee estavam a portar-se mal. Mrs. Ponder chegou à janela e desviou a cortina rendada. A escola tinha mandado pôr uma grade de proteção na janela havia pouco tempo, depois de uma bola de críquete ter estilhaçado o vidro e quase deixado *Maria Antonieta* inconsciente. (Um grupo de meninos do terceiro ano pedira-lhe desculpas com um cartão pintado à mão que ela tinha na porta do frigorífico.)

Do outro lado do recreio, havia um edifício de arenito, com dois andares; o primeiro piso tinha uma sala de conferências e uma grande varanda com vista para o oceano. Mrs. Ponder fora lá nalgumas ocasiões: uma palestra de um historiador local, um almoço organizado pela associação dos Amigos da Biblioteca. Era uma sala bem bonita. Por vezes, antigos alunos usavam-na para o copo-d'água quando se casavam. Era ali que estaria a decorrer a reunião. Estavam a angariar fundos para quadros interativos, fosse lá o que isso fosse. Mrs. Ponder tinha sido convidada, como era da praxe. A sua proximidade à escola dava-lhe uma espécie curiosa de estatuto honorário, ainda que nem os filhos, nem os netos dela alguma vez a tivessem frequentado. Agradecera, mas declinara o convite. Na sua opinião, eventos escolares sem as crianças eram uma perda de tempo.

As crianças tinham a sua assembleia semanal na mesma sala. Todas as sextas-feiras de manhã, Mrs. Ponder instalava-se na sala de costura com uma chávena de *English Breakfast* e um biscoito de gengibre e nozes. O som das crianças a cantar, que flutuava desde o primeiro andar do edifício, levava-a sempre às lágrimas. Ela não acreditava em Deus, exceto quando ouvia crianças a cantar.

Agora não havia cantorias.

Mrs. Ponder estava a ouvir muitos palavrões. Não era pudica, no que dizia respeito a linguagem vulgar, afinal a sua filha mais velha praguejava como um sargento, mas era perturbador e desconcertante ouvir alguém a gritar obsessivamente aquela palavra de cinco letras num sítio que, por norma, estava cheio de risos e berros de crianças.

– Estão todos bêbedos? – perguntou.

A sua janela chuviscada ficava ao nível das portas do edifício, de onde, subitamente, começou a sair gente. Luzes de segurança incidiam sobre a área pavimentada em redor da entrada da escola, como um palco a postos para uma peça. Nuvens de neblina intensificavam o efeito.

Era uma visão estranha.

Os pais da Escola Pública de Pirriwee tinham uma predileção inexplicável por mascaradas. Não bastava que se reunissem para um jogo de perguntas e respostas. Pelo convite, ela ficara a saber que alguma alma iluminada decidira que seria uma Noite do Jogo de Perguntas e Respostas «Audrey e Elvis», o que significava que todas as mulheres tinham de se vestir como Audrey Hepburn e todos os homens como Elvis Presley. (Esse era outro motivo para ter declinado o convite. Sempre detestara mascaradas.) Parecia que a versão mais popular de Audrey Hepburn era a do filme *Boneca de Luxo*. Todas as mulheres estavam a usar vestidos pretos e compridos, luvas brancas e gargantilhas de pérolas. Entretanto, na maioria, os homens tinham optado por prestar tributo ao Elvis dos anos finais. Todos traziam macacões brancos e brilhantes, joias cintilantes

e decotes profundíssimos. As mulheres estavam encantadoras. Os homens, coitados, pareciam absolutamente ridículos.

Com Mrs. Ponder a observar a cena, um Elvis deu um murro no queixo de outro. Este cambaleou para trás, indo contra uma Audrey. Dois Elvis agarraram-no por trás e afastaram-no. Uma Audrey escondeu o rosto nas mãos e virou-se, como se não suportasse ver aquilo. Alguém gritou:

– Parem com isso!

Realmente. O que julgariam os vossos lindos filhos?

– Será que devo ligar para a Polícia? – perguntou-se Mrs. Ponder em voz alta, mas depois ouviu o uivo de uma sirene ao longe, ao mesmo tempo que, na varanda, uma mulher desatava a gritar até mais não.



Gabrielle: Não foram só as mães, sabe? Isto não teria acontecido sem os pais. Acho que *começou* com as mães. Éramos as protagonistas, por assim dizer. As mamás. Não suporto a palavra mamã. É uma palavra chata. Mãe é melhor. Só uma sílaba. Faz pensar em alguém mais magro. Devíamos usar sempre esta palavra. Tenho complexos com o corpo, a propósito. Quem é que não tem, não é?

Bonnie: Tudo não passou de um terrível mal-entendido. Houve quem ficasse sentido e depois a coisa descontrolou-se. O costume. A raiz de todos os conflitos encontra-se sempre nos sentimentos magoados de alguém, não lhe parece? Divórcio. Guerras mundiais. Processos civis. Bem, talvez nem todos os processos civis. Aceita uma tisana?

Stu: Vou contar-lhe exatamente por que foi que a coisa aconteceu. *As mulheres não perdoam.* Não estou a dizer que os gajos não tenham parte da culpa. Mas se as miúdas não tivessem ficado todas histéricas, e isto pode parecer sexista mas não é, é só um facto da vida,

pergunte a qualquer homem, não a um desses modernações com a mania de que são artistas, ai-que-eu-uso-hidratante, estou a falar de homens a sério, pergunte a qualquer homem a sério, que vai ver que ele lhe diz que as mulheres são como as atletas olímpicas a guardar rancores. Devia ver a minha mulher em ação. E ela nem é das piores.

Miss Barnes: Pais-helicóptero. Antes de ter vindo para a Escola Pública de Pirriwee, eu julgava que isso era um exagero, essa coisa acerca de pais demasiado envolvidos na vida dos filhos. Quero dizer, a minha mãe e o meu pai adoravam-me, tipo, *interessavam-se* por mim, quando eu era pequena, nos anos noventa, mas não estavam, tipo, *obcecados* comigo.

Mrs. Lipmann: É uma tragédia, e é profundamente lastimável, e todos vamos tentar seguir em frente. Não tenho mais comentários.

Carol: Eu cá acho que a culpa é do Clube do Livro Erótico. Mas isso sou só eu.

Jonathan: O Clube do Livro Erótico não tinha nada de erótico, posso dizer-lhe já de graça.

Jackie: Sabe que mais? Eu vejo isto como uma questão feminista.

Harper: Mas quem é que disse que isto era uma questão feminista? Mas que raio? Vou dizer-lhe o que deu azo a isto. O *incidente* no dia de orientação da pré-primária.

Graeme: Segundo me parece, tudo se resume às mães que ficam em casa pegarem-se com as mães que têm carreiras. Como é que lhes chamam? As Guerras das Mamãs. A minha mulher não se envolveu nisso. Não tem tempo para esse género de coisa.

Thea: Vocês, os jornalistas, não há dúvida, estão a adorar ver isto pelo lado da ama francesa. Ainda hoje ouvi alguém na rádio a falar da «criada francesa», coisa que a Juliette decididamente não era. A Renata também tinha uma governanta. Gente com sorte. Eu tenho quatro filhos, e nada de «pessoal» para me ajudar! É claro que não tenho *nada* contra mães que trabalham, só me pergunto por que foi que quiseram ter filhos, para começar.

Melissa: Sabe o que é que eu acho que deixou toda a gente passada? Os piolhos. Oh, meu Deus, não me ponha a falar dos piolhos.

Samantha: Os piolhos? Mas o que é que isso tem que ver com o quer que seja? Quem é que lhe disse isso? Aposto que foi a Melissa, não? A pobre coitada ficou com síndrome de stresse pós-traumático porque os filhos dela passavam a vida a ficar infestados. Desculpe. Não tem graça. Não tem graça nenhuma.

Inspetor Adrian Quinlan: A ver se nos entendemos. Isto não é um circo. Isto é a investigação de um homicídio.

